

Algodão do Artie -
Landmannaulagar,
Islândia (2010)".



João Martins Pereira

Economista de profissão, João Martins Pereira é o verdadeiro Indiana Jones da fotografia. Já percorreu cerca de 70 países acompanhado pela sua câmara fotográfica e viveu as mais hilariantes aventuras, desde a floresta da Amazônia ao Delta do Okavango. No dia a dia, a economia ocupa cada segundo da sua vida, mas, quando pode, troca a gravata pela roupa de fotógrafo e parte para mais um longínquo destino, pois, como o próprio reconhece, “ainda faltam dois terços do mundo para explorar”...

Assim que João nos abre a porta do seu escritório, percebemos que a fotografia é mais do que uma mera forma de trazer recordações das suas viagens. As paredes da ampla e bem iluminada sala denunciam a sua paixão, repletas de imagens cuidadosamente impressas e elegantemente emolduradas. Os livros de fotografia dos mais variados autores e das mais variadas nacionalidades complementam um *décor* que confidencia longas horas de contemplação de imagens. Mas foi na longa e agradável

conversa entre o economista e a OMFD que descobrimos o verdadeiro “lugar” da fotografia na sua vida. Se lhe perguntarmos qual o segredo para uma boa fotografia, João prontamente relembra a célebre frase de Cartier-Bresson: “Se eu soubesse, não tirava nenhuma má!” Contudo, para o fotógrafo a resposta a esta questão é bem mais simples: “Uma boa fotografia é aquela de que eu gosto, uma ótima fotografia é aquela que eu gosto muito.” Como acontece com a maioria dos apaixonados pela fotografia, esta arte despontou ainda em pequeno. “Recordo-me

de usar as Instamatics da Kodak que tinham o rolo integrado e de uma velha Voigtlander de fole que havia lá em casa, que já vagamente funcionava. Mas foi por volta dos finais dos anos 70 que comprei a minha primeira Canon A-1 em quinta mão, com o corpo de metal. Aquilo era metade câmara, metade arma de arremesso, função que desempenhava com igual eficácia. Além disso, tinha a particularidade de ter uma cortina rota. Ou seja, num rolo de 36 fotos, apenas 18 imagens tinham alguma hipótese de ficar boas e não havia



PERFIL

* João Martins Pereira nasceu nas Caldas da Rainha, no ano de 1957.
 * Economista de profissão, é atualmente assessor do Conselho de Administração do Banco Espírito Santo – BES.
 * Já visitou e fotografou mais de 70 países.
 * Além da paixão pela fotografia, a pintura, a culinária, a música e o todo-o-terreno fazem parte dos seus hobbies.

Leopardo - Norte do Serengeti, Tanzânia (2009)

(em cima)

Serengeti Central, Tanzânia (2011)

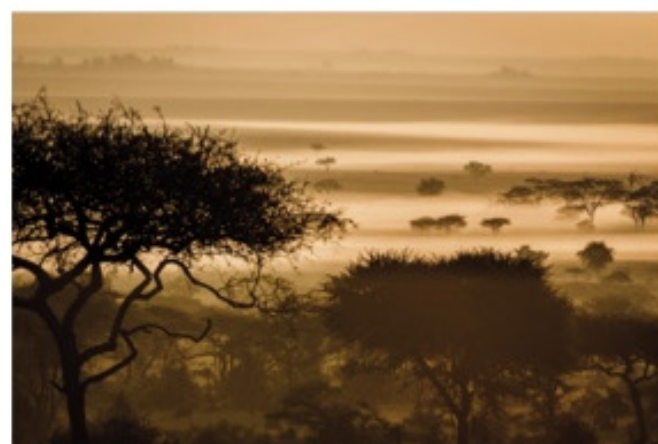
(à direita)

nenhuma fórmula mágica de adivinhar qual delas iria ficar queimada."

ARTE DE CRISTALIZAR

Obedecendo ao impulso humano de querer registar instantes, João confessa ter um fascínio pessoal por tudo o que seja expressão gráfica, e a fotografia é a forma de guardar e poder reproduzir aquilo que vê e sente. "Entendo a fotografia como uma captura de momentos, de emoções que se querem guardar. Enquanto o vídeo nos conta uma história num determinado espaço de tempo, a fotografia dá-nos um momento e nós temos de imaginar o momento antes e o momento a seguir. Para mim esse é o grande encanto da fotografia", afirma.

O autor compara a fotografia a um grande hotel onde há um quarto para cada género fotográfico. No entanto, apesar de ter na fotografia de vida selvagem um dos seus motivos preferidos, é sobre as pessoas que recai o seu principal interesse fotográfico. "As imagens devem transmitir emoções e, para mim, isso só acontece se envolver pessoas, se as pessoas forem intervenientes ou se a imagem ou paisagem se relacionar com um determinado modo de vida, padrão de comportamento humano ou que, inclusivamente, seja consequência de um comportamento humano... seja ele bom ou mau. E, no fundo, as situações que marcam mais são sempre as que envolvem interação com as pessoas,



"Entendo a fotografia como uma captura de momentos, de emoções que se querem guardar."

e muitas vezes deparamo-nos com as mais variadas situações, desde a agressividade e rejeição até ao contacto e curiosidade das pessoas. Isto tem a ver com realidades culturais, pessoais, sociais, económicas e religiosas. Mas, para mim, tem sobretudo a ver com opções pessoais, pois mesmo em países em que é teoricamente mais difícil ou mais controverso fotografar as pessoas, há sempre algumas que querem ser fotografadas. Estão dispostas a fazer algum tipo de desvio do comportamento padronizado para serem fotografadas, porque têm interesse em ver, interagir,

EQUIPAMENTO

Duas câmaras Nikon, D200 e D300; objectivas Nikkor 17-55 f/2.8; 70-200 f/2.8; 80-400 f/4.5-5.6; 50 f/1.8, da Sigma uma 85 f/1.4 e da Tokina uma 11-16 f/2. Tem também um teleconversor Nikon 2x, filtros Hi-Tech e Lee e um tripé da Benro.

Pushkar, Rajastão - Índia (2012)





IMAGEM REVELADA



ESTA IMAGEM REGISTADA NA ÍNDIA, EM AMBER, JAIPUR, MOSTRA O INTERIOR DO ESTÁBULO DOS ELEFANTES QUE FAZEM A SUBIDA DO FORTE DE AMBER, ONDE ANIMAL E TRATADOR DESCANSAM.

Equipamento

Esta imagem do elefante foi captada com uma Nikon D300, e João Martins Pereira usou uma objetiva Nikkor 17-55 mm f/2.8. A imagem foi registada com a câmara na mão e sem recurso a tripé.

Composição

Ao compor a foto, João procurou um ângulo em que o elefante parecesse vigiar o sono do tratador e optou por não incluir o animal inteiro, para dar uma visão de maior proximidade entre os dois intervenientes.

Exposição

Optou por uma velocidade baixa, compensada com um ISO elevado, para obter a ideia de movimento da tromba do elefante. E uma ligeira subexposição para aumentar o dramatismo das cores.



"A fotografia é a realidade, a realidade é a vida, a vida são emoções, as emoções são pessoas."

acham graça, comentam".

Para João, a fotografia tornou-se um exercício muito mais facilitado, possível do ponto de vista económico e, na sua opinião, talvez demasiado fácil do ponto de vista da execução. De facto, João relembra que "Bresson só teve uma câmara e duas objetivas ao longo da vida e que a câmara só tinha um rolo, cada rolo só tinha uma sensibilidade e que se tinha de se esperar até ver o resultado, e mesmo assim as coisas saíam bem. Não se pode comparar com a nossa realidade, em que saímos de manhã e regressamos ao fim do dia com 900 fotografias e vemos de imediato

o resultado. Em cada câmara temos milhares de combinações de exposições e sensibilidades e, mesmo assim, hoje em dia, quando pensamos em fotografia, pensamos em fotografias que têm o seu lugar no tempo e pelas quais o tempo não passou."

João tem alguma dificuldade em compreender, "talvez por limitações de perceção ou compreensão, a fotografia conceptual". "Tenho o máximo respeito por todas as formas que pretendam abrir novos caminhos na fotografia e que, de certa forma, representem uma rutura com o passado. Mas o que eu não creio é que

seja esse o caminho que vai permanecer no futuro da fotografia porque a fotografia é a realidade, a realidade é a vida, a vida são emoções, as emoções são as pessoas e é isso que queremos ver, queremos guardar, queremos transmitir... É isso que queremos voltar a ver. A fotografia tem de nos transmitir uma emoção forte e se não o fizer pode ser conceptualmente muito interessante, mas não creio que resista no tempo. Isto porque não sei se tal será fácil de transmitir e de perpetuar ao longo dos anos, sempre com a mesma força de intervenção."

EDIÇÃO DE IMAGEM

João Martins é muito purista em relação ao pós-processamento da imagem.

"A fotografia é um momento único. Nenhuma ferramenta de edição pode

AS DICAS DE
JOÃO M. PEREIRA

1 Respeitar as pessoas, os hábitos, a religião, a cultura e o meio ambiente. Conhecer os "do's" e os "dont's" de cada lugar em concreto.

2 Ser curioso, observador, atento, humilde e aberto à diferença. Fotografar para aprender. Fotografar com emoção, sempre.

3 Ser paciente, antecipar a composição pretendida e esperar que todos os elementos se conjuguem e – instintivo – disparar "no momento", mesmo que as condições técnicas não sejam as melhores.

Mursi - Vale do Rio Omo, Etiópia (2011)
(em cima, à esquerda)

Elefante - Delta do Okavango, Botswana (2008)
(em cima, à direita)

Barong Dance - Bali, Indonésia (2011)
(em baixo, à direita)



"A manipulação de imagem não pode ser considerada fotografia..."

transformar uma imagem desinteressante, amorfa, indiferente, numa imagem boa e emocionante. Muito pelo contrário, pode transformar uma boa imagem numa aberração. Outra coisa é manipulação de imagem. Não tenho nada contra, mas simplesmente não me identifico com ela. E duvido que a manipulação de imagem deva ser considerada fotografia. É uma arte à parte, é uma ilustração digital. Quem faz arte digital não precisa sequer de saber como funciona uma câmara fotográfica, nem de sair da sua cadeira. Quem o faz não precisa de apanhar frio ou calor, não precisa de se levantar às quatro da manhã para ver o nascer do sol, nem de estar enterrado com água até aos joelhos. Precisa é de ter o gosto pessoal, o talento e os conhecimentos e meios técnicos".

MOMENTOS "KODAK"

Por falar em água pelos joelhos, João relembra uma das experiências fotográficas mais engraçadas e enlameadas das suas viagens, que ocorreu num dos países da África Austral. "No Botswana, no Delta do Okavango, fiz uma viagem de canoa pelos canais do Delta até uma lagoa onde havia uns hipopótamos. Como eles são criaturas com um mau feitio e certos maus hábitos sociais, o guia levou a canoa até

à margem do lago mas, a certa altura, disse-me que devíamos ir embora porque no final do dia os hipopótamos costumam sair de água e costumam levar tudo o que estiver à sua frente. Quando íamos regressar, a canoa ficou encravada no lodo. Ele fez um movimento mais brusco para nos tirar dali e a canoa virou-se ao contrário. Quando dei por mim, estava no meio de um lago de hipopótamos, com lodo até aos joelhos e câmara e objetivas mergulhadas dentro de água. A única coisa que consegui salvar dessa viagem foi o cartão de memória." Quando já pensávamos que esta história tinha acabado com João a fugir de um bando de hipopótamos, João revela-nos que os hipopótamos nunca se aproximaram. "Acho que ficaram mais espantados do que eu com aquele espetáculo miserável e nem se mexeram", relembra, divertido.

Qual será a próxima aventura de João? Esta é a pergunta que certamente paira na cabeça de todos nós quando terminamos de ler. "Tenho nos meus planos visitar a Nova Zelândia, Austrália, Sudão, Mali, Namíbia, Alasca e Mongólia. Basicamente falta-me conhecer o mundo todo..."

VEJA MAIS em www.joaomartinspereira.com e www.cxnegra.wordpress.com.